



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELLECTUAL DA UNICAMP

Versão do arquivo anexado / Version of attached file:

Versão do Editor / Published Version

Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:

<https://www.ifch.unicamp.br/publicacoes/pub/livros/2286>

DOI: 0

Direitos autorais / Publisher's copyright statement:

©2022 by UNICAMP/IFCH. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>

STONEHENGE: UMA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA E HISTORIOGRÁFICA

Sofia Helena Cardoso Rodrigues¹

RESUMO: Apresentamos Stonehenge por um olhar histórico e historiográfico. Nesta via, a partir de sua apresentação em contexto e tempo de existência pré-históricos, esclarecemos os períodos de estudo acerca dele. Para tal, estabelecemos três temporalidades de pensamento: 1880-1960, dentro da arqueologia histórico-cultural, com *Stonehenge: Plans, Descriptions and Theories* (PETRIE, 1880); 1880-1960, com a Nova Arqueologia, cientificista, na qual se destacam *Stonehenge* (ATKINSON, 1960), e *Stonehenge Decoded* (HAWKINS, 1965); e 1960-2020, onde nos inserimos como historiadores.

PALAVRAS-CHAVE: Stonehenge. Historiografia. Arqueologia.

INTRODUÇÃO: STONEHENGE (PRÉ)HISTÓRICO

Stonehenge é um monumento localizado em Wiltshire, condado de Wessex, na Inglaterra. Em microescala, se encontra em *Salisbury Plain*, na parte sudoeste da ilha britânica. Tal planalto talvez seja um dos mais ricos em termos arqueológicos, por conter inúmeras construções, objetos e fósseis datando de mais de 5 mil a.C. Com efeito, junto ao megalítico aqui apresentado, existem, em seu contexto imediato, a chamada *Stonehenge Avenue*, que o liga até um rio - *Avon River*; *Durrington Walls*, que seria uma vila neolítica dos construtores do monumento; e o *Cursus*, cemitério de mesma data aproximada. E, saindo da conjuntura próxima, ao redor da Grã-Bretanha existem ainda outras dezenas de construções megalíticas semelhantes (DARVILL *et al.*, 2012).

Assim, passando para o monumento em si, deve-se ressaltar a multiplicidade de estruturas que o compõem. Ademais dos famosos círculos de pedras sobrepostas (trabalhadas em material *sarsen* e *bluestones*),

¹ Graduanda em História pela Unicamp e bolsista de iniciação científica pela FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. E-mail: sofiahelenacr@gmail.com.

há uma terraplanagem, ao seu redor, que leva a nomenclatura de *henge*. Isto é, cavada em formato circular, há uma vala (ladeada por dois bancos de terra) concêntrica aos círculos de monólito, com diâmetro cerca de três vezes maior que estes. E, por fim, no cerne da construção, há uma ferradura de Trilithons, ou seja, um semicírculo formado por 5 das estruturas mais icônicas de Stonehenge: duas colunas de pedra sustentando, a sete metros do solo, outra pedra, na horizontal.

Ademais, há 56 poços de cremação ao redor da circunferência do *henge*, denominados *Aubrey Holes*. Existem, ainda, dois *barrows*, ou seja, construções em formato de túmulo neolítico, bem como a *Heel Stone*, conhecida por ser a pedra do solstício - na qual o sol nasce, nesta data, alinhado com o topo da mesma, e as *Station Stones*, que são quatro pedras que formam a figura de um retângulo inscrito na terraplanagem.

Nesta via, datações recentes de radiocarbono apontam para o posicionamento de todas essas estruturas, bem como do contexto geográfico próximo, em cinco etapas diferentes, que variam entre 3000 a.C. a 1500 a.C. (DARVILL *et al.*, 2012). Desde o século XIX existem locuções e tentativas de mapeamento desta história primária de Stonehenge, atribuindo sua construção ora a um grupo étnico específico, ora a uma multiplicidade de povos durante diferentes eras temporais.

Contudo, somando os itens correspondentes destas diferentes datações ao longo do tempo com estudos recentes, há um consenso desde Petrie (1880) em ver que a terraplanagem do *henge* teria sido a primeira construção no local, correspondendo ao estágio I. Em seguida, já em uma segunda fase de edificações, os grandes monólitos teriam sido dispostos ao longo dos círculos. E, por fim, nos demais períodos tardios, haveriam sido realizados pequenos acréscimos de pedras, reposicionamentos e retiradas.

STONEHENGE MEDIEVAL E ANTIQUÁRIO

Antes de nossa temporalidade de estudo propriamente dita, Stonehenge já teria sido conjecturado por observadores desde a Idade Antiga. No entanto, a primeira data aproximada que ele teria sido integrado em um modelo histórico de formação do passado, foi por volta do ano

de 850 d.C. (PETRIE, 1880). Isto é, há um hiato de informações que a arqueologia de hoje pôde mapear através das fontes – e que aponta os estágios de construção e uso primários mencionados – e que a história escrita pôde apresentar até então. Chamados de séculos obscuros (PHILIBERT, 1994), cerca de quinze séculos se passaram entre o fim da edificação do megalítico e a primeira fonte escrita que se refere a ele.

Nênio (W. GUNN, 1819), seguido por Geoffrey de Monmouth (PIGGOTT, 1941) e Giraldu Cambrensis (PETRIE, 1880) teriam sido os primeiros pensadores que deixaram vestígios escritos acerca de ponderações específicas sobre Stonehenge (PETRIE, 1880). Em outras palavras, além de inserirem o monumento na lógica e organização de mundo de suas épocas, são os primeiros a realizarem uma “pseudo-história”. Parker Pearson (2013), criador desta terminologia para o caso, aponta que por mais que eles já façam um esforço por compreender Stonehenge como fruto de um passado, o fazem a partir de narrativas fabulosas, fantásticas, e também subjetivas.

Ademais da atribuição nestas épocas, de Stonehenge à Merlin, ao Rei Arthur e à gigantes, há uma importante carga de atribuição aos *celtas* enquanto cultura mística – druidas. E, ainda, tal atribuição pseudo-histórica foi recuperada em meados do século XX por entusiastas que se declaram “neodruidas”, e retomam o monumento, hoje, como um lugar de contato com a ancestralidade.

Já na modernidade, abandonadas as fantasias medievais, há uma nova classe de estudantes do megalítico: os antiquários. Pesquisadores a mando de reis e Estados modernos, os antiquários surgem como colecionadores e ilustradores de objetos de tempos passados. Em Stonehenge, nomes como Inigo Jones (1655), John Aubrey (1666), William Stukeley (1740) e Colt Hoare (1812,1821), foram responsáveis não só pelas primeiras escavações e consequentes levantamentos de objetos, mas também pelo descobrimento e inserção de Stonehenge em um contexto geográfico (composto pela *Stonehenge Avenue* (STUKELEY, 1760), pelos Aubrey Holes (AUBREY, 1666), e demais.

STONEHENGE CONTEMPORÂNEO

E, finalmente, temos a arqueologia propriamente acadêmica, de fins do século XIX, século XX e XXI. Dizemos propriamente acadêmica por entendermos que foi aqui que escavações começaram a ser feitas a partir de grupos de arqueólogos formados e financiados por universidades públicas da Inglaterra.

O primeiro nome dentro desta nova lógica de estudos é Flinders Petrie. Conhecido por ser pai da Arqueologia histórico-cultural, a qual tinha maior preocupação por classificações, datações e estudo de movimentos gerais de culturas e períodos (FUNARI, 2010), escreve a inovadora obra metrológica *Stonehenge: Plans, Descriptions and Theories* (1880). Seguido por Sir Arthur Evans (1889), William Gowland (1902) e William Hawley (1921), teria aberto bases para que o estudo de Stonehenge se desenvolvesse em diferentes vertentes – aplicação em lógicas de Pré-história, datação, conservação e patrimonialização.

Com efeito, classificamos Petrie como fonte primária fundamental para o estudo da história das historiografias que têm como objeto Stonehenge. Os trabalhos de Arthur Evans, Gowland e Hawley, por sua vez, são necessários para a compreensão de um panorama mais abrangente do mesmo período, de modo a serem vistos por nós como fontes primárias auxiliares que indicam patamares das organizações sociais, relações interpessoais e teorizações que o estudo de Petrie por si só não possibilita.

Nesta linha, em meados do século XX, temos Richard Atkinson (1956) e Gerald Hawkins (1965) como fontes primárias, e Stuart Piggott (1951) e Alexander Thom (1967) como fontes auxiliares de uma temporalidade já deveras diferente. Oitenta anos mais tarde do que Petrie, tais pesquisadores estavam inseridos em outros fluxos do pensamento maior historiográfico e /ou científico, que, de modo proporcional, interferiram diretamente no estudo de caso. Agora, enquanto Atkinson continua nas escavações arqueológicas metódicas, Gerald Hawkins, no seu lugar de engenheiro, começa a propor estatísticas alternativas para Stonehenge, mais voltadas à cálculos astronômicos e físicos. Porém, faz

isso de forma anacrônica, usando a ciência de seus dias para explicar o passado de Stonehenge.

Em conclusão, a divisão da historiografia de Stonehenge em períodos distintos, bem como a classificação dos tipos de contribuição de cada fonte primária intrínsecas a cada período, mostra caminhos não só para compreensão dos pontos de ruptura e inovações entre vertentes de pensamento, mas também para a elucidação de tramas, tais como: organização institucional, discussão e repercussão, bem como inserção do estudo de caso nos rumos da Disciplina em geral.

TEMPORALIDADE 1: 1880-1960

Desta forma, a temporalidade que estabelecemos como primeira para o estudo das historiografias de Stonehenge, se inicia com a publicação de *Stonehenge: Plans, Descriptions and Theories* (PETRIE, 1880). Posteriormente egiptólogo, Flinders Petrie inicia sua carreira acadêmica no megalítico. Dividindo a obra em “fatos” e “teorias”, faz de modo inicial uma medição metrológica acerca de datações a partir das camadas do solo, bem como correspondência proporcional do monumento físico para o papel – em um plano desenhado. Ainda, faz de maneira especial medições em torno da pedra do solstício, para verificação da possibilidade da correta correspondência entre o fenômeno e a construção do monumento segundo ela.

Já na segunda parte, que ele denomina teorias, parte destes dados coletados e relaciona com uma pré-história, parcialmente articulada até então. Com um caráter universalista de situação – e também com o que já se era conhecido tanto de uma cultura oral acerca de Stonehenge quanto dos anteriores escavadores – os antiquários, Petrie sintetiza quatro teorias acerca da finalidade de Stonehenge. Isto é, em seu lugar de arqueólogo geral – não especialista no sítio em si – discorre sobre quatro possibilidades plausíveis dos motivos pelos quais o megalítico pôde ter sido construído. São elas: monumental, astronômica, religiosa e sepulcral (sozinhas ou em combinação).

Nesta linha, com o pontapé inicial dado por ele – mesmo que este não tenha se retido muito em explicar a história social dos construtores de Stonehenge, Arthur Evans, apenas 10 anos depois, atua em uma lacuna deixada pelo primeiro. Seu trabalho, *Stonebenge* (1889), é pautado pela formulação de hipóteses e teorizações sobre a sociedade que teria construído Stonehenge. Ou seja, ele sai do monumento em si para analisar uma história local, social. Contudo, para fazer isso, ele se utiliza de analogias com povos asiáticos de seu tempo. Chamando-os de primitivos e selvagens, adequa técnicas de sepultamento e/ou rituais destes para explicar aquele Stonehenge Pré-histórico. Contudo, por mais problemático que seja tal aproximação ao racismo científico e orientalismo, Evans contribui em nosso estudo na compreensão do pensamento histórico e arqueológico universal, explicando técnicas e o caminho para a teorização que se encontra consolidada hoje.

William Gowland e William Hawley, ambos já no século XX, contribuem, como fontes primárias quando auxiliares de Petrie na compreensão do início de uma preocupação patrimonial. A partir das técnicas desenvolvidas três décadas antes por Petrie, eles fazem escavações restaurativas. Formando comitês de conservação e grupos de patrimonialização, William Gowland, com *Recent excavations at Stonebenge* (1902) e Hawley com seus relatórios anuais de escavação (1921-1928), foram responsáveis pela correção de quedas dos monólitos por causa da erosão temporal.

Gowland, ainda, teria encontrado mais de 100 objetos abaixo do solo imediatamente sob Stonehenge, que, nos dias de hoje, são de importância fundamental para a associação de objetos de outros monumentos megalíticos e vilas neolíticas de modo quantitativo. Tanto ele quanto Hawley, ao contrário de Petrie com seu plano desenhado, catalogam através de fotos o contexto do monumento – que são necessários nos dias de hoje para a comparação do movimento dos monólitos. Nesta via, fazendo também comparações com ambientes externos à Inglaterra, Gowland por sua vez faz analogias arquitetônicas. Ou seja, enquanto Arthur Evans estava preocupado em entender a sociedade a partir de um viés cultural e de comparação direta, Gowland buscava compreender a estrutura.

TEMPORALIDADE 2: 1960-1980

Após o que Clive Gamble chama de “longo sono da teoria arqueológica”, que seria justamente o período de 1880 a 1960 (GAMBLE, 2001:07), há um cientificismo ascendente. Refletindo no estudo de caso de Stonehenge, dois nomes mais voltados a ciências exatas que às humanas surgem. O primeiro, Richard Atkinson (1956), ainda historiador, realiza pequenas escavações e análises *in loco* para pensar a plausibilidade de modelos matemáticos – devida à grande regularidade dos círculos. Após o ápice de uma arqueologia histórico-cultural, na qual as migrações e a origem comum de Stonehenge com o resto do que se era conhecido com pré-história, ele busca estabelecer pesquisas para compreensão de modelos estruturais de Stonehenge (vendo a circunferência em modelos do número pi, por exemplo). Nele são traçados de forma mais forte, as primeiras teorias que mais tarde vão transformar Stonehenge em um observatório astronômico, de modo totalmente anacrônico – usando a ciência dos tempos presentes para explicar a construção.

E, em consequência, Gerald Hawkins, nossa segunda fonte primária desta temporalidade, foi responsável pela popularização destes cálculos para o público geral. Além de adensar tais perspectivas anacrônicas astronômicas e matemáticas, ele escreve *Stonehenge Decoded* (1965), em seu lugar de engenheiro. Fora das teorias da História enquanto disciplina, ele propõe ideias (hoje verificadas e descartadas) a respeito de Stonehenge ser um computador que ofereceria observações da lua, do sol, da constelação de Órion e do planeta Vênus – e suas respectivas previsões de posições no céu.

Essa temporalidade, então, é característica não só da contínua preocupação da historiografia em compreender seu passado, e os elementos formadores – não de modo factual, entendendo a finalidade e as estruturas - mas também é característica de um olhar interdisciplinar de seu próprio presente, o qual continha inúmeras manifestações de olhares cientificistas para explicação dos elementos pertencentes à paisagem comum. Nela, são inseridos pontos de vista e cognições não correspondentes ao período ou contexto histórico em rigor - mais ligados aos sujeitos praticantes. Tal

forma de atribuição de significados, diferente da retomada arqueológica, passou a ser identificada pelos acadêmicos como visão alternativa de Stonehenge, e complementa a variedade ascendente de pontos de vista acerca do monumento, por vezes sendo mais aceita perante ao grande público do que a historiografia, a qual em grande parte não oferece respostas imediatas, e de forma lúdica, para as incógnitas.

TEMPORALIDADE 3: 1980-2020

Finalmente, há a terceira temporalidade de estudos de Stonehenge, a qual nos inserimos como pesquisadores. Nela, além do estudo de Stonehenge ter se tornado um campo específico – o qual até então era inserido dentro de formações gerais dos pesquisadores que lá se aventuravam, Stonehenge tornou-se importante e reconhecido ponto da contemporaneidade. Em 1986 torna-se Patrimônio Mundial da UNESCO, e recebe cerca de 700 mil visitantes por ano.

Ao lado de cada vez maiores e mais bem embasados governamentalmente, projetos de pesquisa multidisciplinares e que abarcam todo o contexto geográfico de Stonehenge são o ponto chave desta nova temporalidade. Nela, há uma ordem de pesquisadores, cada vez mais orgânicos entre si. O surgimento da datação por radiocarbono e a interdisciplinaridade medida da Arqueologia foram dois dos principais aspectos para a validação dos dados descritivos tidos até então. Isto é, projetos notáveis de pesquisa, de fins de 1990 e inícios dos anos 2000, como *Stonehenge World Heritage Site: an Archaeological Research Framework* (DARVILL *et al.*, 2012), e *Stonehenge Riverside Project* (PEARSON, 2013), nos oferecem retomada e confirmação de historiografias já existentes. Ao mesmo, são esforços novos que mantêm a constante transformação da pesquisa científica. Em conclusão, a importância da tomada das historiografias de Stonehenge como fontes primárias é plural. Além da contribuição para entendimento do próprio monumento e seu contexto social e ambiental de entorno, o exaustivo estudo das obras a seu respeito abre caminhos para a compreensão da constante manutenção de um corpo historiográfico no qual o historiador da Pré-história se insere.



Ademais, permite elucidação da inserção de um estudo de caso perante a uma produção de conhecimento geral.

REFERÊNCIAS

- ATKINSON, R. J. C. **Stonehenge**. London: Hamish Hamilton, 1956.
- AUBREY, John. “Plan of Stonehenge”. In: **Monumenta Britannica**. Bodleian Library MSS Top. Gen. pp. 24–25, 1666.
- DARVILL, T.; *et al.* “Stonehenge Remodeled”. In: **Antiquity**, n. 86, 2012, pp. 1021-1040.
- EVANS, Arthur. “Stonehenge”. In: **The Archaeological Review**, Vol. 2, N. 5, pp. 312-330, 1889.
- FUNARI, Pedro Paulo A. **Arqueologia**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.
- GAMBLE, Clive. **Archaeology, the Basics**. London: Routledge, 2001.
- GOWLAND, W. Recent excavations at Stonehenge. **Archaeologia**, n. 58, pp. 37–105, 1902.
- HAWKINS, G. S. **Stonehenge Decoded**. Garden City NY: Doubleday, 1965.
- HAWKINS, G.; ATKINSON, R.; THOM, A.; *et. al.* “Hoyle on Stonehenge: some comments”. In: **Antiquity**, n. 41, pp. 67, 1967.
- HAWLEY, W. “Stonehenge: interim report in the exploration”. **Antiquaries Journal**, n. 1, pp. 19-41, 1921.
- HOARE, Colt. **The Ancient History of Wiltshire**, vols I and II (London, 1812 and 1821).
- JONES, Inigo. “Plan of Stonehenge”. In: **The Most Notable Antiquary of Great Britain vulgarly called Stone-Henge on Salisbury Plain Restored**, Bodleian Library C.2.25 Art. Seld, pp 60-61, 1655.

- MOUMONTH, Geoffrey of. **Historia Regum Britanniae**. 1139. Disponível em: <https://www.sacred-texts.com/neu/eng/gem/index.htm>. Acesso em: 29 set. 2021.
- PEARSON, M. P. **Stonehenge, a New Understanding**. New York: The Experience, 2013
- PETRIE, W. Flinders. *Stonehenge: Plans, description and theories*. London: Edward Stanford, 1880.
- PHILIBERT, Myriam. **Stonehenge et Son Secret**. Monaco: Éditions du Rocher, 1994.
- PIGGOTT, Stuart. “The Sources of Geoffrey of Monmouth. II. The Stonehenge Story”. In: **Antiquity**, Vol. 15, n. 60, pp. 305 – 319, 1941.
- PIGGOTT, Stuart. “Stonehenge reviewed”. In: *Aspects of Archaeology in Britain and Beyond*, ed WF Grimes, pp. 274–92, 1955.
- STUKELEY, William. **Stonehenge: a Temple restored to the British Druids**. London: Printed for W. Innys and R. Manby, at the West End of St. Paul’s, 1740.
- W. GUNN, B. D. **The Historia Brittonum commonly attributed to Nennius**. London: Printed for John and Arthur Arch, Cornhill, 1819.